

AS RELAÇÕES MACRORREGIONAIS NA ECONOMIA BRASILEIRA EX-ANTE E EX-POST A ABERTURA ECONÔMICA: CONCENTRAÇÃO “VERSUS” DESCONCENTRAÇÃO

*Marco Antonio Montoya¹
Eduardo Belisário Finamore²
Andrea Oltramari³
José Luis Parré⁴*

1 INTRODUÇÃO

Em função das significativas desigualdades na renda *per capita*, produção, consumo, investimentos, etc. entre regiões de um mesmo país, as relações inter-regionais são comumente tratadas pela teoria de crescimento econômico como desequilíbrios regionais, que levam por assim dizer, à “concentração regional do desenvolvimento econômico”. Esse tratamento no Brasil, em geral, vem sempre associado a uma conotação negativa das desigualdades existentes. A razão para isso é que diversos estudos empíricos têm demonstrado, nos últimos 50 anos, a predominância do crescimento econômico do país de modo muito concentrado, espacial e setorialmente.

Conseqüentemente, de acordo com o nível de desenvolvimento industrial das regiões, não em poucos casos, as relações inter-regionais na economia brasileira fazem com que determinadas regiões tendem a crescer mais lentamente, estabelecendo-se uma convivência “injusta” entre regiões estagnadas e regiões desenvolvidas, isto é, fazendo, segundo Furtado (1961), com que o subdesenvolvimento se torne produto do desenvolvimento.

Um dos propósitos da análise multiregional de insumo-produto é esclarecer de forma integrada as relações regionais que se estabelecem com o fluxo de comércio inter-regional e que podem ter características de dependência, hierarquia e circulação. Assim, o estudo dessas relações entre as regiões do Brasil se justifica na medida em que permite identificar os possíveis impactos derivados de determinadas ações públicas ou privadas sobre as estruturas de produção de uma ou mais regiões do país.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo caracterizar o perfil das relações interregionais das macroregiões do Brasil, fazendo uso das matrizes de insumo-produto interregionais do Brasil, dos anos de 1985, 1990 e 1995, construídas por Parré (2000). Esse período foi escolhido por caracterizar na economia brasileira a abertura econômica que certamente acarretou mudanças estruturais. Com esse objetivo inicialmente pretende-se:

- a) Caracterizar-se a dimensão econômica e a mudança estrutural dos mercados regionais do país;
- b) a partir das relações insumo-produto existentes entre a produção e a demanda final, identificar e avaliar as relações intersetoriais e inter-regionais relevantes para o crescimento econômico macroregional, bem como o processo de realocação das atividades econômicas.

¹ Professor Titular da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Passo Fundo (UPF) RS e pesquisador do Centro Regional de Economia e Administração da UPF. E-mail: montoya@upf.tche.br.

² Professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Passo Fundo (UPF), RS; pesquisador do Centro Regional de Economia e Administração da UPF. E-mail: finamore@upf.tche.br;

³ Professora da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Passo Fundo (UPF), RS; pesquisadora do Centro Regional de Economia e Administração da UPF. E-mail: oltramari@upf.tche.br

⁴ Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: jlparre@uem.br;

Com esses objetivos espera-se encontrar subsídios para compreender os impactos estruturais da abertura econômica bem como o processo de realocação de atividades entre as diversas macroregiões em nível agregado e setorial.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A base de dados utilizada nesta pesquisa está constituída pelas matrizes de insumo-produto inter-regionais dos anos de 1985, 1990 e 1995 construídas por Parré (2000) para a economia brasileira. Essas matrizes representam o sistema econômico do Brasil especificando cinco regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), sendo outros países designados como o resto do mundo. A estrutura deste quadro é mostrada na Tabela 5.1.

Nessa tabela, os setores de demanda localizados nas colunas são internacionalmente divididos em setores de demandas intermediárias (A), setores de demanda final (F) e setor do resto do mundo ou de exportações para o resto do mundo (E). Os setores de demanda intermediária e os setores de demanda final são subdivididos em Norte (α), Nordeste (β), Centro Oeste (γ), Sudeste (λ) e Sul (θ).

Por sua vez, os setores de suprimentos estão compostos pelos setores de importações do resto do mundo (M), setor de taxas de importação (T) e um setor de valor adicionado (V). O setor de demanda intermediária e o setor de suprimentos de bens e de serviços são divididos entre as cinco regiões em estudo.

Note-se que a Tabela 1 apresentada não mostra o número de setores industriais em cada região, pois esta questão será tratada em detalhes mais adiante. Entretanto, para fins didáticos, cabe mencionar que, no lado da demanda intermediária, as indústrias de cada região estão divididas em 22 setores comuns, e, no lado da demanda final, cada região apresenta $K = 1, 2, 3$ e 4 setores consumidores. Por exemplo, a estrutura de insumos do setor industrial do Norte, no bloco de transação **Erro! Não é possível criar objetos a partir de códigos de campo de edição.**, mostra quanto as indústrias do Nordeste compram das indústrias do Norte, o que pode ser representado como **Erro! Não é possível criar objetos a partir de códigos de campo de edição.** ($i = 1, 2, 3, \dots, 22$; $j = 1, 2, 3, \dots, 22$). Aqui, i significa as indústrias do Norte e j , as indústrias do Nordeste. Similarmente, a quantidade de produtos que a indústria do Norte (j) comprou da indústria de Centro Oeste (i) é representada como **Erro! Não é possível criar objetos a partir de códigos de campo de edição.** Dessa maneira, a estrutura de insumo para a indústria do Norte (j) pode ser expressa através da seguinte relação contábil:

$$X_j^\alpha = \sum_i A_{ij}^{\alpha\alpha} + \sum_i A_{ij}^{\beta\alpha} + \dots + \sum_i A_{ij}^{\theta\alpha} + \sum_i M_{ij}^{A\alpha} + T_j^{A\alpha} + \sum_n V_{hj}^{A\alpha} \quad (1)$$

em que:

$M_{ij}^{A\alpha}$ são as importações da j -ésima indústria do Norte do i -ésimo setor do resto do mundo;

$T_j^{A\alpha}$ é a taxa de importação paga pela j -ésima indústria do Norte;

$V_{hj}^{A\alpha}$ é o h -ésimo componente de valor adicionado gerado pela j -ésima indústria do Norte.

As estruturas de insumo das indústrias das outras regiões também podem ser expressas de forma similar.

Quanto à estrutura da demanda para os produtos da indústria do Norte (i), pode ser expressa através da seguinte relação contábil:

$$X_i^\alpha = \sum_j A_{ij}^{\alpha\alpha} + \sum_j A_{ij}^{\alpha\beta} + \dots + \sum_j A_{ij}^{\alpha\theta} + \sum_K F_{iK}^{\alpha\alpha} + \sum_K F_{iK}^{\alpha\beta} + \dots + \sum_K F_{iK}^{\alpha\theta} + E_i^\alpha \quad (2)$$

em que:

$F_{iK}^{\alpha\beta}$ é a demanda final para o i-ésimo setor de produtos do Norte através do K-ésimo setor (consumo das famílias, consumo do governo, formação de capital e variação de estoque) de demanda final do Nordeste;

E_i^α são as exportações do i-ésimo setor do Norte para o resto do mundo;

As estruturas da demanda das indústrias das outras regiões podem ser expressas de maneira similar.

Generalizando a estrutura de insumos para a j-ésima indústria da q-ésima região ($q = \alpha, \beta, \gamma, \dots, \theta$), a equação (1) pode ser expressa da seguinte maneira:

$$X_j^q = \sum_r \sum_i A_{ij}^{rq} + \sum_i M_{ij}^{Aq} + T_j^{Aq} + \sum_h V_{hj}^{Aq} \quad ; \quad \text{para } q \neq r \quad (3)$$

em que $r = \alpha, \beta, \gamma, \dots, \theta$ representa o i-ésimo setor da r-ésima região em estudo.

Simultaneamente à generalização da estrutura de demanda do i-ésimo setor, a equação (2) pode ser expressa da seguinte maneira:

$$X_i^r = \sum_q \sum_j A_{ij}^{rq} + \sum_q \sum_K F_{iK}^{rq} + E_i^r \quad (4)$$

Observe-se que as variáveis das equações (3) e (4) já foram definidas anteriormente. Assim, desde que o valor total de insumos utilizados seja igual ao valor total da produção ($X_j^q = X_i^r$), o quadro insumo-produto inter-regional será consistente.

Cabe salientar que, na matriz, o número de células no quadrante das relações interindustriais será igual ao número de setores multiplicado pelo número de regiões, uma vez que o modelo especifica a distribuição da produção de cada setor em cada região para os diversos setores de todas as regiões.

As informações da matriz insumo-produto inter-regional do Brasil permitem estimar coeficientes do tipo:

$$a_{ij}^{\alpha\beta} = \frac{A_{ij}^{\alpha\beta}}{X_j^\beta} \quad (5)$$

os quais indicam a participação do insumo i, produzido no Norte (α), por unidade de produção do j-ésima indústria do Nordeste (β). Em conjunto, esses coeficientes formaram a matriz A

$$A = \begin{bmatrix} a_{ij}^{\alpha\alpha} & a_{ij}^{\alpha\beta} & \dots & a_{ij}^{\alpha\theta} \\ a_{ij}^{\beta\alpha} & a_{ij}^{\beta\beta} & \dots & a_{ij}^{\beta\theta} \\ \vdots & \vdots & \dots & \vdots \\ a_{ij}^{\theta\alpha} & a_{ij}^{\theta\beta} & \dots & a_{ij}^{\theta\theta} \end{bmatrix} \quad (i, j = 1, 2, 3, \dots, 22) \quad (6)$$

Tabela 1: Matriz simplificada do modelo insumo-produto inter-regional do Brasil

Regiões E Setores		Demanda Intermediária (A)					Demanda Final (F)					Exporta- ções ao resto do mundo (E)	Total produtos (X)
		Norte (α)	Nordeste (β)	Centro Oeste (γ)	Sudeste (λ)	Sul (ψ)	Norte (α)	Nordeste (β)	Centro Oeste (γ)	Sudeste (λ)	Sul (ψ)		
Oferta de bens e serviços	Norte (α)	$A^{\alpha\alpha}$	$A^{\alpha\beta}$	$A^{\alpha\gamma}$	$A^{\alpha\lambda}$	$A^{\alpha\psi}$	$F^{\alpha\alpha}$	$F^{\alpha\beta}$	$F^{\alpha\gamma}$	$F^{\alpha\lambda}$	$F^{\alpha\psi}$	E^{α}	X^{α}
	Nordeste (β)	$A^{\beta\alpha}$	$A^{\beta\beta}$	$A^{\beta\gamma}$	$A^{\beta\lambda}$	$A^{\beta\psi}$	$F^{\beta\alpha}$	$F^{\beta\beta}$	$\hat{A}_i^{M\alpha}$	$S^{A\gamma}$	$F^{\beta\psi}$	E^{β}	X^{β}
	Centro Oeste (γ)	$A^{\gamma\alpha}$	$A^{\gamma\beta}$	$A^{\gamma\gamma}$	$A^{\gamma\lambda}$	$A^{\gamma\psi}$	$F^{\gamma\alpha}$	$F^{\gamma\beta}$	$F^{\gamma\gamma}$	$F^{\gamma\lambda}$	$F^{\gamma\psi}$	E^{γ}	X^{γ}
	Sudeste (λ)	$A^{\lambda\alpha}$	$A^{\lambda\beta}$	$A^{\lambda\gamma}$	$A^{\lambda\lambda}$	$A^{\lambda\psi}$	$F^{\lambda\alpha}$	$F^{\lambda\beta}$	$F^{\lambda\gamma}$	$F^{\lambda\lambda}$	$F^{\lambda\psi}$	E^{λ}	X^{λ}
	Sul (ψ)	$A^{\psi\alpha}$	$A^{\psi\beta}$	$A^{\psi\gamma}$	$A^{\psi\lambda}$	$A^{\psi\psi}$	$F^{\psi\alpha}$	$F^{\psi\beta}$	$F^{\psi\gamma}$	$F^{\psi\lambda}$	$F^{\psi\psi}$	E^{ψ}	X^{ψ}
Importações do resto do mundo (M)		$M^{A\alpha}$	$M^{A\beta}$	$M^{A\gamma}$	$M^{A\lambda}$	$M^{A\psi}$	$M^{F\alpha}$	$M^{F\beta}$	$M^{F\gamma}$	$M^{F\lambda}$	$M^{F\psi}$	0	0
Taxa de Importação (T)		$T^{A\alpha}$	$T^{A\beta}$	$T^{A\gamma}$	$T^{A\lambda}$	$T^{A\psi}$	$T^{F\alpha}$	$T^{F\beta}$	$T^{F\gamma}$	$T^{F\lambda}$	$T^{F\psi}$	0	0
Valor Adicionado (V)		$V^{A\alpha}$	$V^{A\beta}$	$V^{A\gamma}$	$V^{A\lambda}$	$V^{A\psi}$	0	0	0	0	0	0	0
Total insumos (X)		X^{α}	X^{β}	X^{γ}	X^{λ}	X^{ψ}	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: ilustração dos autores.

Essa matriz indica, simultaneamente, a estrutura tecnológica de cada região e a estrutura de abastecimento inter-regional. Por exemplo: qual será o coeficiente técnico de produção do setor $j = 4$ do Norte (α) em suas relações interindustriais (coluna) com o setor $i = 3$ de suas regiões parceiras $\alpha, \beta, \delta, \gamma$ e θ , ou seja, a_{34}^α ?

Para obter esse coeficiente, faz-se necessário o seguinte procedimento: calcular os coeficientes da participação do setor $i = 3$ das diferentes regiões no abastecimento do setor

$j = 4$ do Norte (α) $a_{34}^{\alpha\alpha} = \frac{A_{34}^{\alpha\alpha}}{X_4^\alpha}$; $a_{34}^{\beta\alpha} = \frac{A_{34}^{\beta\alpha}}{X_4^\alpha}$; ... ; $a_{34}^{\theta\alpha} = \frac{A_{34}^{\theta\alpha}}{X_4^\alpha}$ e somar os coeficientes abastecimento $a_{34}^\alpha = a_{34}^{\alpha\alpha} + a_{34}^{\beta\alpha} + \dots + a_{34}^{\theta\alpha}$. O coeficiente técnico de produção a_{34}^α indica quantos centavos de insumos do setor $i = 3$ são necessários por Real de produção do setor $j = 4$ da região α , independentemente de se saber em que região foi produzido o insumo $i = 3$.

Utilizando a matriz A e o quadro simplificado das regiões do Brasil, de forma análoga ao modelo básico de Leontief, pode-se representar o sistema de equações da seguinte forma:

$$\sum \sum a_{ij}^{rq} X_j^q + F_i^r = X_i^r \quad (7)$$

com $i, j = 1, 2, 3, \dots, 22$ e ; $r, q = \alpha, \beta, \dots, \theta$ alternativamente

Ou pode ser descrita também como

$$X_i^r - \sum \sum a_{ij}^{rq} X_j^q = F_i^r \quad (8)$$

A equação (8) indica, por exemplo, a produção do setor i da região α e a demanda intermediária dos 22 setores produtivos das regiões $\alpha, \beta, \dots, \theta$, ou seja,

$$X_i^\alpha = F_i^\alpha + \sum_{j=1}^{22} a_{ij}^{\alpha q} X_j^q \quad \text{com } q = \alpha, \beta, \dots, \theta \quad (9)$$

Simplificando a equação (9), esta pode ser expressa em termos dos componentes da demanda final, isto é:

$$X_i^r = \left(I - \sum \sum a_{ij}^{rq} \right)^{-1} \cdot F_j^q \quad \text{sendo } \begin{cases} i, j = 1, 2, 3, \dots, 22 \\ r, q = \alpha, \beta, \dots, \theta \end{cases} \quad (10a)$$

ou

$$X_i^r = \sum_q \sum_j b_{ij}^{rq} \cdot F_j^q \quad (10b)$$

em que b_{ij}^{rq} é um elemento da matriz inversa de Leontief $\left(I - \sum \sum a_{ij}^{rq} \right)^{-1}$ e indica os requisitos diretos e indiretos de produção do setor i das regiões q , por unidade de demanda final à atividade j na região r .

Note-se que a demanda final do modelo é exógena, o que permite que se analisem de forma sistêmica os perfis das estruturas de transações, diferentes tipos de problemas que envolvem efeitos de transbordamento inter-regional, programas de investimentos, aumento do consumo, tributação, mudança tecnológica, etc.

Outro grupo de informações utilizado neste trabalho é os deflatores implícitos dos dados de insumo-produto, fornecidos pelo IBGE. Eles são o quociente entre as estimativas a preços correntes e constantes dos agregados macroeconômicos. Para a maioria dos países, os índices de preços utilizados são deflatores implícitos derivados de estimativas de valor e de volume de produção. Desse modo, utilizou-se o índice do Valor Bruto da Produção, para deflacionar as matrizes de Parré (2000) considerando 1995 como ano base.

Esse procedimento permite a análise da evolução real do crescimento entre diferentes momentos de tempo.

3 A DIMENSÃO ECONÔMICA REGIONAL

A dimensão econômica, entendida como a capacidade de mercado que representa uma economia, traz implícita a idéia macroeconômica de que o tamanho do mercado permite o uso de tecnologias produtivas direcionadas para magnitudes cada vez maiores, as quais possibilitam o desenvolvimento da indústria, do comércio e da capacidade de negociação, e a idéia microeconômica de que as economias de escala e escopo, proporcionadas pela abertura de novos mercados inter e extra-regionais, propiciam a redução de custos com oportunidades de obtenção de maiores lucros e valor adicionado. Assim, variáveis tais como o PIB, a população, o PIB per capita, a estrutura setorial do produto, valor adicionado, grau de abertura da demanda, constituem-se em indicadores “proxy” da dimensão econômica relativa das macrorregiões brasileiras.

A Tabela 2 permite avaliar a dimensão econômica entre as regiões brasileiras para as variáveis população, valor adicionado e valor adicionado per capita.

Ao se visualizar a dimensão econômica das regiões através da população, percebe-se que o crescimento populacional (TCA) ocorre de modo homogêneo nas regiões brasileiras, à exceção da região Norte, cuja população cresce a taxas superiores a duas vezes à do resto do país, sugerindo um fluxo migratório para essa região. As regiões de menor crescimento populacional são a Sudeste e a Sul, com crescimento anual de 1,14% e 1,11%, respectivamente.

A demanda potencial dos mercados regionais, representada pelo tamanho da população regional, em relação à população total do mercado brasileiro, indica, em média, no período 1985/95, um valor 15,3 vezes maior para a região Norte; 3,5 vezes para o Nordeste; 15,3 vezes para a região Centro-Oeste; 2,3 vezes para o Sudeste e 6,6 vezes para a região Sul.

A análise do valor adicionado indica, que, em média, no período de 1985/95, a região Sudeste participa com 55,6% e as regiões Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte, com 16,7%, 15,5%, 7,1% e 5,2%, respectivamente. Esta variável, como a populacional, revela concentração na renda gerada no Brasil nesses 15 anos já que o total do valor adicionado foi 19,3 vezes maior que a renda do Norte; 6,5 vezes maior que a renda gerada no Nordeste; 14,1 vezes a renda do Centro-Oeste; apenas 1,8 vezes maior que a renda do Sudeste e 6,0 vezes maior que a renda do Sul.

Uma observação interessante é a taxa de crescimento do valor adicionado regional. A região que mais se expandiu no período foi a Centro-Oeste, com crescimento de 7,8% ao ano, seguida pelas regiões Sul, Norte, Nordeste e Sudeste, com crescimento anual de 3,8%, 3,55%, 2,79% e 2,70%, respectivamente. Isso indica que, no ritmo de crescimento alcançado pelas regiões brasileiras, a região Centro-Oeste demoraria nove anos para dobrar a renda de sua economia, ao passo que a região Sudeste precisaria de 26 anos para alcançar o mesmo resultado.

Em termos de bem-estar da população, o valor adicionado per capita revela que a região Centro-Oeste apresenta o maior crescimento – de 6,57% ao ano, o que indica que o bem-estar desta população, em termos de disponibilidade de renda, demoraria dez anos para dobrar de nível. A região onde esse processo é mais lento é a Norte, com crescimento negativo de 0,23% ao ano, revelando um tempo de 304 anos para que a renda per capita diminua pela metade; no entanto, este resultado é explicado pelo alto fluxo migratório da região, revelando sua potencialidade de ocupação. Em termos agregados, o crescimento de

renda per capita do brasileiro foi de 1,91% ao ano, mostrando que seriam necessários 37 anos para duplicar a disponibilidade de bens e serviços para a população.

Em síntese, embora se verifique que, por um lado, as variáveis renda/produto e população têm sido muito concentradas em termos espaciais, por outro, fica evidente que existe um congestionamento no principal centro econômico brasileiro (Sudeste), já saturado. Isso porque percebe-se taxas de crescimento elevadas nas outras regiões brasileiras tanto em valor adicionado (caso do Centro-Oeste, Sul e Norte) quanto em população (Norte).

Tabela 2: Dimensão econômica e taxas de crescimento das regiões brasileiras a partir das variáveis população e valor adicionado no período de 1985 à 1995 (Valores Monetários com ano base de 1995).

	Anos/Região	N	NE	CO	SE	S	Brasil
População (Mil habitantes)	1985	7.652,5	39.005,2	9.083,8	59.134,2	20.688,7	135.564,4
	1990	9.764,2	41.919,8	9.230,5	61.913,0	21.896,5	144.724,0
	1995	11.159,0	44.974,7	10.272,7	66.288,1	23.128,0	155.822,5
	TCA	3,77%	1,42%	1,23%	1,14%	1,11%	1,39%
	Média	9.525,2	41.966,6	9.529,0	62.445,1	21.904,4	145.370,3
	Prop. Absoluta	6,6%	28,9%	6,6%	43,0%	15,1%	100,0%
	Prop. Relativa	15,3	3,5	15,3	2,3	6,6	1,0
Valor Adicionado (Milhões de R\$)	1985	19.291,0	61.197,5	21.560,9	224.975,9	64.761,2	391.786,5
	1990	24.653,7	71.765,4	29.214,2	247.730,5	71.141,2	444.505,0
	1995	27.503,2	80.901,5	47.018,6	294.715,1	94.719,8	544.858,2
	TCA	3,55%	2,79%	7,80%	2,70%	3,80%	3,30%
	Média	23.815,9	71.288,1	32.597,9	255.807,2	76.874,1	460.383,2
	Prop. Absoluta	5,2%	15,5%	7,1%	55,6%	16,7%	100,0%
	Prop. Relativa	19,3	6,5	14,1	1,8	6,0	1,0
Valor Adicionado per capita (R\$)	1985	2.520,9	1.569,0	2.373,6	3.804,5	3.130,3	2.890,0
	1990	2.524,9	1.712,0	3.165,0	4.001,3	3.249,0	3.071,4
	1995	2.464,7	1.798,8	4.577,0	4.446,0	4.095,5	3.496,7
	TCA	-0,23%	1,37%	6,57%	1,56%	2,69%	1,91%
	Média	2.503,5	1.693,2	3.371,9	4.083,9	3.491,6	3.152,7
	1985	0,87	0,54	0,82	1,32	1,08	1,00
	1990	0,82	0,56	1,03	1,30	1,06	1,00
1995	0,70	0,51	1,31	1,27	1,17	1,00	

OBS.: TCA é a taxa de crescimento anual obtida pelo logaritmo da razão entre o valor final sobre o inicial dividido pelo número de períodos.

Fonte: Elaborado a partir das informações das matrizes de insumo-produto de 1985, 1990 e 1995 (Parré, 2000) e dos Censos do IBGE. Dados monetários atualizados para 1995.

4 A MUDANÇA ESTRUTURAL ENTRE 1985 E 1995

Considerando que a economia brasileira apresenta, entre as suas macrorregiões, heterogeneidade de dimensão econômica, bem como dinâmicas de crescimento diferenciadas, a questão é: quais as mudanças estruturais que apresentam as macrorregiões no período de análise caracterizado por um processo de abertura econômica?

A seguir, são apresentados três quadros contendo as informações sobre a estrutura da produção, da demanda final e do valor adicionado, com o fim de descrever a tendência estrutural das economias das macrorregiões brasileiras, percebendo os movimentos de seus setores. Para isso, utilizam-se os critérios de agregação de Berni (1998), a qual divide a economia em três setores: agricultura, indústria e serviços. Dentro da indústria, há quatro classes, que perfazem os percentuais de todo o setor secundário: extrativa mineral, transformação, serviços industriais de utilidade pública (Siup) e construção. Ainda, os percentuais da indústria de transformação como um todo se decompõem em três grupos: bens de produção, bens de consumo duráveis e bens de consumo não-duráveis, como mostra a desagregação do Anexo 1.

4.1 Produção Setorial

A Tabela 3 mostra que, de um modo geral, considerando o período inicial e final, houve uma queda na participação do Valor Bruto da Produção da agricultura e da indústria em quase todas as macrorregiões do país.

No entanto, observa-se que a agricultura embora tenha registrado um decréscimo na participação do Valor Bruto da Produção entre 1985 e 1995, teve uma trajetória crescente no produto regional entre 1990 e 1995 para as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Deve-se destacar também que a indústria do Centro-Oeste teve um aumento de 1,78 pontos percentuais considerando o período inicial e final. Em particular, a indústria de transformação, de bens de produção e de consumo não duráveis da região Norte, a indústria da construção civil do Centro-Oeste e os serviços industriais de utilidade pública (Siup) e construção civil do Sul tiveram um aumento percentual na sua participação nos três períodos de análise.

Tabela 3: Estrutura do valor da produção setorial das cinco macrorregiões do Brasil, no período de 1985 à 1995 (em percentuais)

	N			NE			CO			SE			S		
	1985	1990	1995	1985	1990	1995	1985	1990	1995	1985	1990	1995	1985	1990	1995
Agric	9,91	9,90	8,53	10,67	9,49	8,93	16,44	12,14	14,23	5,07	3,90	4,49	13,79	9,82	12,86
Indústria	56,00	56,26	54,26	52,06	47,33	44,80	29,81	33,07	31,59	58,91	52,56	50,04	51,08	47,99	49,68
ExtrMi	8,26	5,42	3,44	2,22	3,31	2,24	3,17	3,57	1,48	3,80	2,85	2,52	2,12	1,65	1,43
Transfor	24,32	29,33	29,56	28,80	22,93	22,21	12,19	14,97	11,90	48,40	41,49	40,10	41,96	37,75	34,10
BensPr	13,82	17,08	19,34	15,16	12,84	12,57	2,64	6,17	4,56	27,76	23,50	21,58	15,21	13,20	10,65
ConsDu	5,99	7,76	4,88	4,08	3,11	2,43	1,55	2,23	1,08	9,48	8,29	8,51	7,05	6,63	6,04
CNDur	4,51	4,49	5,34	9,56	6,99	7,21	8,00	6,57	6,27	11,17	9,70	10,00	19,70	17,92	17,40
Siup	2,69	3,51	3,94	2,75	3,34	3,43	2,00	2,44	2,10	2,56	3,25	3,17	2,82	3,58	4,77
Constr	20,73	17,99	17,32	18,28	17,74	16,92	12,44	12,09	16,10	4,15	4,96	4,25	4,18	5,00	9,39
Serv	34,09	33,84	37,21	37,28	43,18	46,27	53,75	54,78	54,18	36,02	43,55	45,47	35,13	42,19	37,46
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Desse modo, verificou-se que o setor que resgatou os pontos percentuais perdidos pela agricultura e pela indústria nas macrorregiões foi o setor de serviços, que, em algumas, ganhou até 9,5 pontos percentuais, como nas regiões Sudeste e Nordeste, por exemplo.

O resultado desse conjunto de mudanças estruturais certamente pode ser explicado em parte pelas dimensões econômicas diferentes, bem como pelas taxas de crescimento que apresentam as macrorregiões, seja na população, seja no valor adicionado. Contudo, argumenta-se que, mais importante que os ritmos de crescimento, está o nível inicial de dotações desses fatores. Sabe-se também que o processo produtivo possui retornos

decrecentes sobre o acúmulo de capital, ou seja, à medida que o estoque de capital aumenta, o produto adicional obtido mediante o uso de uma unidade adicional de capital se reduz. Assim, tudo o mais constante, é mais fácil para uma região do país crescer rapidamente quando, no início do processo, parte de um patamar relativamente pobre. Este efeito das condições iniciais é, às vezes, denominado “efeito alcance”.

4.2 Demanda Final

Na Tabela 4, fica saliente a perda de posição por parte da agricultura e da indústria na formação da demanda final da economia em todas as macrorregiões do país.

O setor de serviços mostra um ganho de 6,91 pontos percentuais para o Norte, 13,61 pontos para o Nordeste, 3,03 pontos para o Centro-Oeste, 13,3 pontos para o Sudeste e 6,1 pontos para o Sul, evidenciando que os aumentos na renda per capita do país no período de análise (crescimento de 1,91% ao ano) levaram a um maior consumo de atividades ligadas ao setor de serviços (Tabela 2).

Os padrões de demanda setorial das regiões demonstram, de certa forma, os diferentes estágios de desenvolvimento econômico que convivem no Brasil. Nesse sentido, emergem dois padrões de consumo diferenciados: por um lado, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, menos desenvolvidas, apresentam-se como grandes consumidores de infra-estrutura básica de construção; por outro lado, as regiões Sudeste e Sul, mais desenvolvidas, encontram-se com níveis de infra-estrutura elevados, revelados nos seus gastos no setor de construção, que são relativamente menores se comparados com o das outras regiões.

Tabela 4: Estrutura da demanda final setorial das cinco macrorregiões do Brasil, no período de 1985 à 1995 (em percentuais)

	N			NE			CO			SE			S		
	1985	1990	1995	1985	1990	1995	1985	1990	1995	1985	1990	1995	1985	1990	1995
Agric	6,69	7,19	4,98	9,60	8,99	7,78	8,12	6,40	5,80	4,01	3,09	3,01	7,56	5,77	5,54
Indústri	59,22	54,71	53,75	53,15	44,27	41,36	35,08	32,62	34,37	53,96	44,38	41,66	54,53	47,04	50,43
ExtrMi	4,95	2,12	0,60	0,23	-0,49	0,21	0,77	1,04	0,25	1,29	1,11	0,87	0,65	0,46	0,45
Transfor	22,72	23,71	27,50	22,35	14,98	14,85	13,42	11,68	9,62	43,04	31,99	31,78	44,43	35,49	31,97
BensPr	12,98	13,06	18,14	6,58	3,95	4,47	1,60	2,14	1,87	16,98	11,00	10,68	10,44	7,31	7,09
ConsDu	4,53	5,67	3,96	2,24	1,36	1,18	1,49	1,65	0,86	8,34	7,01	7,96	6,09	4,85	4,77
CNDur	5,21	4,98	5,40	13,52	9,67	9,20	10,33	7,89	6,89	17,72	13,98	13,14	27,90	23,33	20,11
Siup	1,53	2,02	2,02	1,06	1,16	1,30	1,01	1,46	1,24	1,69	2,15	2,15	1,78	2,38	3,24
Constr	30,01	26,87	23,63	29,51	28,62	25,01	19,89	18,45	23,25	7,94	9,13	6,86	7,66	8,72	14,77
Serv	34,09	38,10	41,27	37,25	46,74	50,86	56,80	60,98	59,83	42,03	52,54	55,33	37,92	47,20	44,02
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando analisada a indústria de transformação, chama a atenção o consumo de bens não duráveis da região Norte, uma vez que a participação relativa dessa em sua estrutura de consumo é a mais baixa do Brasil. Entre os prováveis motivos para isso, está o baixo valor adicionado por esta cadeia produtiva regional e, também, o fato de se tratar de uma região pouco urbanizada, com baixa monetização na comercialização desses bens.

4.3 Valor Adicionado

A Tabela 5, contém as informações da estrutura do valor adicionado. Como nas discussões anteriores, observa-se que o setor dos serviços, efetivamente, é o setor ligado à expansão da renda em todas as macrorregiões. Considerando a ótica do produto, há uma

tendência de queda à agregação de valor no setor de serviços nas regiões do Centro-Oeste e Sul.

Tabela 5: Estrutura do valor adicionado setorial das cinco macrorregiões do Brasil, no período de 1985 à 1995 (em percentuais)

	N			NE			CO			SE			S		
	1985	1990	1995	1985	1990	1995	1985	1990	1995	1985	1990	1995	1985	1990	1995
Agric	11,89	11,38	10,56	14,00	11,01	10,72	17,17	12,08	15,03	6,51	4,39	5,48	17,30	11,32	15,76
Indústria	46,80	45,78	45,23	37,51	35,08	35,55	16,38	18,88	21,97	39,13	31,84	33,48	31,81	28,16	35,16
ExtrMi	12,47	7,16	4,00	2,49	3,62	2,23	2,40	2,18	0,94	3,67	1,94	1,85	1,84	1,14	1,09
Transfor	17,91	21,10	19,84	13,00	9,83	10,81	4,99	6,74	5,34	29,60	22,99	23,70	23,92	19,54	19,21
BensPr	10,41	11,95	13,57	5,90	5,11	6,42	1,33	3,12	2,64	17,21	12,92	14,09	9,60	8,05	8,03
ConsDu	4,73	6,13	3,24	2,34	1,68	1,28	1,00	1,27	0,59	6,37	5,91	4,94	5,09	4,41	3,90
CNDur	2,77	3,02	3,03	4,76	3,04	3,11	2,66	2,35	2,11	6,02	4,16	4,68	9,22	7,08	7,28
Siup	2,21	3,08	3,72	2,61	2,98	3,43	1,96	2,25	2,16	3,08	3,53	3,80	3,32	3,96	5,73
Constr	14,20	14,44	17,67	19,41	18,65	19,08	7,02	7,72	13,53	2,78	3,39	4,13	2,74	3,52	9,13
Serv	41,32	42,83	44,21	48,50	53,91	53,73	66,45	69,03	63,00	54,36	63,76	61,04	50,89	60,53	49,08
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se também, considerando o período inicial e final, uma evolução do grupo de bens de produção, Siup e construção civil na estrutura do valor adicionado das macrorregiões.

Entre 1985 e 1995, percebeu-se que a mudança estrutural do valor adicionado a custo de fatores nas macrorregiões foi de grande impacto. Observou-se, por um lado, a involução dos setores ligado às atividades agrícolas, mas com recuperação no período 90/95 principalmente nas regiões Centro Oeste, Sudeste e Sul. Por outro observou-se uma tendência positiva à maior participação dos setores de serviços e indústria, principalmente para o grupo de bens de produção, construção civil e bens de consumo não-duráveis.

Em síntese, tanto a produção setorial final e o valor adicionado, indicam claramente que entre 1985 a 1995 ocorreram significativas mudanças estruturais que em grande parte podem ser explicadas pelo processo de abertura comercial da economia brasileira implementado no final dos anos 80 e intensificado nos anos 90 e pelo recuo da participação do governo evidenciado pelo processo de privatização e desregulamentação do mercado.

5. A PRODUÇÃO INDUZIDA E A DEPENDÊNCIA SETORIAL NAS MACROREGIÕES.

É interessante observar as modificações ocorridas nas composições setoriais das várias regiões brasileiras ao longo do tempo. O crescimento ocorre de maneira diferenciada, concentrando-se em algumas atividades, dependendo do estágio de desenvolvimento regional. E, em termos gerais, como visto no grau de integração espacial, a dependência nas macrorregiões por exportações diminuiu ao longo do tempo, embora, em alguns setores, se verifica uma tendência para o mercado exportador.

Em termos agregados, a região que mais aumentou a produção no período 1985/95 foi o Centro-Oeste, com crescimento de 6,94% ao ano, ritmo de crescimento que lhe permitiu dobrar a produção no período. O segundo melhor desempenho foi obtido pela região Norte, com um aumento de produção de 37,0% no período analisado, indicando um ritmo de crescimento de 3,15% anual. As regiões Sul, Nordeste e Sudeste tiveram um aumento de produção na ordem de 28,9%, 16% e 13,9%, respectivamente, o que corresponde a um crescimento anual de 2,54%, 1,49% e 1,30%, respectivamente. Nota-se, com isso, que o maior crescimento das regiões periféricas (Centro-Oeste e Norte) revela

um processo de desconcentração econômica no Brasil, com as regiões Sudeste e Sul, consideradas pólos de desenvolvimento, obtendo um ritmo de incremento de produção menor.

Como visto na análise espacial, algumas regiões são mais voltadas para fora, ou seja, para o mercado exportador, e outras possuem um processo de crescimento voltado para dentro, ou seja, para o auto-abastecimento. Contudo, percebe-se que, considerando o período inicial (1985) e final (1995), a economia brasileira como um todo apresenta uma tendência à menor dependência extra-regional. Esse fato pode ser explicado, em parte, pela dificuldade de colocar produtos nacionais no mercado internacional, bem como pelas importações de setores mais competitivos da economia mundial.

Em síntese, está se argumentando que a abertura econômica forçou a uma realocação das atividades setoriais em função das vantagens comparativas e/ou ameaças que emergem numa economia de mercado aberto. Nesse sentido, uma análise mais particularizada por setores específicos de cada região permite a seguir uma melhor caracterização dessas mudanças estruturais.

Região Sul

A região Sul destaca-se por apresentar, no período, o maior grau de abertura da economia brasileira, mas, como todo o país, com uma tendência à redução da dependência setorial. Em 1985 a dependência externa (inter e extra regional) era de 50% da produção e em 1995 passou para 35,8%.

Tabela 6: Produção induzida na Região Sul pelas demandas finais intra, inter e extra regional para os anos de 1985 e 1995 (valores monetários, participação relativa percentual e variação em pontos percentuais)

Setores	1985				1995				85/95			
	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	depen intra	depen inter	depen extra	VBP R\$
1 Agropecuária	21841	27,08	51,99	20,93	26248	35,74	51,81	12,45	8,66	-0,18	-8,48	20,18
2 Mineração	1317	32,10	28,01	39,89	544	33,97	22,36	43,67	1,87	-5,65	3,78	-58,70
3 Minerais não Metálicos	2037	55,38	33,77	10,85	2376	72,14	17,94	9,93	16,75	-15,84	-0,92	16,64
4 Metalurgia	3840	50,00	21,77	28,23	3233	56,41	16,57	27,03	6,41	-5,21	-1,20	-15,80
5 Mecânica	4205	62,91	19,37	17,71	5809	66,73	17,05	16,22	3,82	-2,32	-1,50	38,15
6 Material Elétrico	1987	72,30	14,94	12,76	3021	76,93	11,85	11,22	4,63	-3,09	-1,54	52,00
7 Celulose, Papel e Gráf.	3257	53,54	27,19	19,27	3405	56,09	22,01	21,90	2,55	-5,18	2,63	4,55
8 Ind. da Borracha	649	48,32	28,10	23,58	593	51,12	20,79	28,08	2,80	-7,30	4,50	-8,55
9 Química	10142	43,50	31,70	24,80	5679	52,32	31,05	16,63	8,82	-0,66	-8,17	-44,01
10 Material de Transporte	1733	62,46	14,27	23,27	2015	71,70	13,13	15,18	9,24	-1,14	-8,09	16,24
11 Madeira e Mobiliário	4273	40,12	50,37	9,51	5248	45,12	41,38	13,50	5,00	-8,99	3,99	22,81
12 Plásticos	1227	46,33	36,20	17,47	1268	57,62	28,88	13,50	11,29	-7,32	-3,97	3,31
13 Ind. Têxtil	3938	48,68	31,60	19,72	3805	50,39	28,63	20,98	1,71	-2,97	1,26	-3,37
14 Farmacêutica	352	76,71	18,17	5,12	383	79,98	15,38	4,64	3,27	-2,80	-0,48	8,76
15 Vestuário e Calçados	6976	49,44	35,96	14,59	5693	49,09	32,43	18,47	-0,35	-3,53	3,88	-18,40
16 Prod. Alimentares	23176	16,98	55,52	27,50	28659	34,53	49,31	16,15	17,55	-6,21	-11,34	23,66
17 Indústrias Diversas	698	64,14	22,05	13,81	777	72,00	14,29	13,70	7,86	-7,76	-0,10	11,36
18 SIUP e Com..	4465	55,87	33,44	10,68	9728	67,00	26,37	6,63	11,13	-7,07	-4,05	117,85
19 Construção Civil	6627	96,12	2,47	1,41	19156	98,47	0,97	0,56	2,34	-1,49	-0,85	189,04
20 Comércio	14237	61,01	26,06	12,93	17352	73,74	20,01	6,25	12,73	-6,05	-6,68	21,88
21 Transportes	8525	41,55	27,26	31,19	9084	55,22	23,03	21,74	13,67	-4,23	-9,45	6,57
22 Serviços	32866	75,24	15,16	9,60	50024	86,49	7,19	6,32	11,25	-7,98	-3,28	52,21
Total	158368	49,97	32,20	17,82	204099	64,17	24,80	11,03	14,19	-7,40	-6,79	28,88

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa linha de análise, os setores que mais aumentaram a participação da produção direcionada ao mercado exportador extra-regional (Tabela 6) são indústria da borracha (ganho de 4,5 pontos percentuais), madeira e mobiliário (3,99 pontos), vestuário e calçados (3,88 pontos), mineração (3,78 pontos) e celulose, papel e gráfica (2,63 pontos). Dentro

disso, os setores com maior dependência do mercado internacional, para o ano de 1995, são os de mineração e indústria da borracha, destinando 43,67% e 28,08% de sua produção em 1995, respectivamente. Deve-se ressaltar que a produção desses setores ligados ao comércio internacional, à exceção da madeira e mobiliário, e celulose papel e gráfica, diminuiu no período analisado.

Por sua vez, o mercado inter-regional apresentou uma diminuição generalizada de comercialização da produção da região Sul, com uma perda de importância de 7,4 pontos percentuais, sendo a maior perda nos setores minerais não-metálicos (15,84) e material de transporte (8,99). Quanto à produção destinada ao mercado interno da região, observa-se que, à exceção do vestuário e calçados, todos os demais setores voltaram-se para o auto-abastecimento da região. A região Sul foi a que mais aumentou o comércio intra-regional, com um aumento médio de 14,19 pontos percentuais. Em 1995, a média de dependência intra-regional foi de 64,17% da produção total, destacando-se os setores de construção civil, serviços, farmacêutica, material elétrico, e minerais não metálicos, com os percentuais de dependência de 98,47%, 86,49%, 79,98%, 76,93% e 72,14%, respectivamente.

Região Norte

Na região Norte, com base na Tabela 7, considerando o Valor Bruto da Produção dos 22 setores analisados, 14 tiveram incremento de produção e 8, uma redução no período 1985/95.

Tabela 7: Produção induzida na Região Norte pelas demandas finais intra, inter e extra regional para os anos de 1985 e 1995 (valores monetários, participação relativa percentual e variação em pontos percentuais)

Setores	1985				1995				85/95			
	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	depen intra	depen inter	depen extra	VBP R\$
1 Agropecuária	3418	26,15	59,56	14,28	4032	35,11	51,21	13,67	8,96	-8,35	-0,61	17,97
2 Mineração	2496	28,23	41,10	30,68	1295	10,62	65,84	23,54	-17,61	24,74	-7,13	-48,12
3 Minerais não Metálicos	355	74,88	14,62	10,49	330	60,17	16,76	23,06	-14,71	2,14	12,57	-6,99
4 Metalurgia	304	80,99	14,55	4,46	377	72,23	18,39	9,38	-8,76	3,84	4,93	23,71
5 Mecânica	394	57,21	34,05	8,74	462	43,55	40,05	16,40	-13,66	6,00	7,66	17,30
6 Material Elétrico	3282	4,69	92,60	2,70	5629	13,91	84,52	1,57	9,21	-8,08	-1,13	71,50
7 Celulose, Papel e Gráf.	329	55,79	24,08	20,13	742	22,15	17,81	60,04	-33,64	-6,27	39,91	125,34
8 Ind. da Borracha	198	27,23	59,19	13,57	524	30,50	43,72	25,77	3,27	-15,47	12,20	165,21
9 Química	261	70,22	23,59	6,19	1407	68,07	21,88	10,05	-2,15	-1,71	3,86	439,03
10 Material de Transporte	464	19,80	64,90	15,30	452	23,29	65,49	11,23	3,49	0,58	-4,07	-2,61
11 Madeira e Mobiliário	1098	32,21	55,07	12,71	973	15,54	43,01	41,45	-16,68	-12,06	28,74	-11,37
12 Plásticos	130	71,21	25,71	3,08	19	61,87	33,39	4,74	-9,34	7,69	1,66	-85,73
13 Ind. Têxtil	375	89,89	6,82	3,29	861	89,29	5,06	5,65	-0,59	-1,77	2,36	129,66
14 Farmacêutica	35	95,92	3,29	0,78	16	97,20	2,04	0,76	1,28	-1,25	-0,03	-54,51
15 Vestuário e Calçados	56	88,27	3,56	8,17	115	76,62	2,87	20,50	-11,65	-0,69	12,34	104,08
16 Prod. Alimentares	1200	67,54	24,84	7,62	1859	70,66	20,18	9,15	3,12	-4,66	1,54	54,92
17 Indústrias Diversas	265	42,42	49,64	7,94	534	49,62	40,70	9,68	7,21	-8,94	1,74	101,67
18 SIUP e Com..	929	82,84	13,99	3,17	1863	84,58	11,51	3,91	1,73	-2,48	0,75	100,52
19 Construção Civil	7152	99,43	0,46	0,11	8185	99,70	0,22	0,08	0,27	-0,24	-0,03	14,44
20 Comércio	3459	59,68	34,43	5,89	3334	54,21	38,98	6,81	-5,47	4,55	0,92	-3,61
21 Transportes	935	47,95	41,16	10,89	673	53,16	35,11	11,73	5,21	-6,04	0,84	-28,03
22 Serviços	7368	88,32	9,40	2,28	13578	93,08	4,94	1,97	4,76	-4,46	-0,31	84,27
Total	34503	62,87	30,19	6,93	47257	66,76	26,35	6,89	3,89	-3,84	-0,04	36,97

Fonte: Dados da pesquisa.

A redução de produção revela a dinâmica da produção nacional, onde a comercialização e o abastecimento são guiados pelos mercados em busca de vantagens comparativas e competitivas, visando à redução de custos e a maiores oportunidades de lucro. Os setores que mais cresceram nesta região foram a indústria química, indústria da

borracha e celulose, papel e gráfica, com um aumento de produção de 439%, 165,2% e 125,3%, respectivamente. Dentre os setores que tiveram redução de produção, destacam-se a indústria de plásticos, farmacêutica e mineração, com queda de 85,7%, 54,5% e 48,1%, respectivamente. Cabe salientar ainda que a indústria farmacêutica brasileira só obteve crescimento de produção nas regiões Sudeste e Sul.

Quanto à dependência por exportações inter e extra-regionais, verifica-se que, em média, houve uma redução de 3,89 pontos percentuais no período 1985/95, como revela a Tabela 7.

Dentre os setores voltados para o comércio internacional, destacam-se celulose, papel e gráfica com aumento de 39,91 pontos percentuais da produção do setor; madeira e mobiliário com aumento de 28,64 pontos; minerais não metálicos, com 12,57 pontos; vestuário e calçados, com 12,35 pontos, e indústria da borracha com 12,20 pontos percentuais. Dentre os setores de maior dependência extra-regional para o ano de 1995, destacam-se celulose, papel e gráfica; madeira e mobiliário, com valores de 60,04% e 41,45%, respectivamente.

As indústrias que se destacam com suas exportações inter-regionais na região Norte são mineração com um aumento de 24,74 pontos percentuais, seguida da mecânica, com 6 pontos percentuais, no período 85/95.

Centro Oeste

O Centro-Oeste foi a região de melhor performance no Brasil, com um ritmo de crescimento suficiente para dobrar a produção a cada dez anos. Nota-se, a partir da Tabela 8, que dos 22 setores analisados, nove tiveram um incremento de produção maior que 100% no período analisado.

Tabela 8: Produção induzida na Região Centro-Oeste pelas demandas finais intra, inter e extra regional para os anos de 1985 e 1995 (valores monetários, participação relativa percentual e variação em pontos percentuais)

Setores	1985				1995				85/95			
	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	depen intra	depen inter	depen extra	VBP R\$
1 Agropecuária	6923	22,41	53,45	24,14	11995	32,15	56,87	10,99	9,74	3,42	-13,16	73,26
2 Mineração	621	14,46	53,28	32,25	582	28,63	55,05	16,32	14,16	1,77	-15,93	-6,21
3 Minerais não Metálicos	716	60,90	24,86	14,24	665	76,66	16,25	7,09	15,76	-8,60	-7,16	-7,10
4 Metalurgia	271	54,87	21,08	24,05	336	72,37	17,11	10,52	17,50	-3,97	-13,53	24,22
5 Mecânica	66	64,55	16,01	19,44	78	82,10	11,41	6,49	17,55	-4,60	-12,95	18,79
6 Material Elétrico	116	61,01	18,94	20,04	198	82,67	11,60	5,73	21,66	-7,35	-14,31	70,65
7 Celulose, Papel e Gráf.	149	56,95	22,96	20,09	569	70,79	17,63	11,59	13,83	-5,33	-8,50	280,82
8 Ind. da Borracha	26	45,04	29,62	25,34	69	61,88	23,11	15,00	16,84	-6,50	-10,34	165,96
9 Química	484	36,76	30,35	32,90	2591	61,96	29,47	8,57	25,20	-0,88	-24,32	435,64
10 Material de Transporte	42	58,57	12,24	29,20	39	83,29	9,11	7,60	24,72	-3,13	-21,60	-6,07
11 Madeira e Mobiliário	395	69,55	23,97	6,48	426	71,30	22,25	6,45	1,75	-1,72	-0,03	7,87
12 Plásticos	25	60,80	22,71	16,49	4	75,75	17,86	6,39	14,95	-4,85	-10,10	-85,78
13 Ind. Têxtil	192	48,49	25,95	25,56	440	70,41	19,71	9,88	21,92	-6,24	-15,68	129,01
14 Farmacêutica	44	59,12	32,28	8,61	6	75,94	20,34	3,72	16,82	-11,93	-4,88	-87,09
15 Vestuário e Calçados	152	41,98	33,13	24,89	314	67,51	21,14	11,35	25,53	-12,00	-13,54	106,11
16 Prod. Alimentares	3160	47,83	29,30	22,87	4938	54,76	34,90	10,33	6,93	5,61	-12,54	56,29
17 Indústrias Diversas	12	69,58	19,77	10,64	24	79,35	16,21	4,45	9,76	-3,57	-6,20	104,22
18 SIUP e Com..	843	47,09	43,35	9,56	1774	68,16	28,29	3,55	21,07	-15,06	-6,01	110,49
19 Construção Civil	5239	95,05	4,40	0,55	13574	95,34	4,54	0,12	0,29	0,14	-0,43	159,10
20 Comércio	4083	60,32	28,80	10,88	5026	77,63	19,93	2,45	17,31	-8,87	-8,43	23,11
21 Transportes	1841	33,21	24,75	42,03	1815	65,51	22,27	12,21	32,30	-2,48	-29,82	-1,37
22 Serviços	16714	73,60	20,74	5,67	38828	82,88	15,50	1,62	9,29	-5,24	-4,05	132,31
Total	42112	60,27	26,90	12,83	84293	73,63	22,23	4,13	13,36	-4,67	-8,69	100,16

Fonte: Dados da pesquisa.

Os que mais se destacam são os setores de química, indústria da borracha, construção civil e têxtil, com crescimento, no período, de 435,6%, 166%, 159,1% e 129%, respectivamente. A agropecuária e produtos alimentares tiveram um aumento de produção de 73,3% e 56% no período, com o faturamento setorial de 20% da produção da região.

A região Centro-Oeste apresenta um padrão diferenciado quanto ao sentido do comércio de seus setores produtivos. Verifica-se uma diminuição generalizada da dependência extra-regional (8,69 pontos percentuais em média). Por sua vez, na dependência inter-regional, embora, em média, tenha decrescido em 4,67 pontos percentuais, os setores produtos alimentares, agropecuária e mineração destacam-se por sua dependência ter crescido em 5,71, 3,42 e 1,77 pontos percentuais, respectivamente. Por outro lado, considerando a dependência doméstica, observa-se um incremento generalizado de 13,36 pontos percentuais. Parte importante desse fato pode ser explicado pelo alto crescimento da renda *per capita* no período que foi de 6,57% ao ano, isto é superior à média nacional de 1,91% ao ano.

Nordeste

A região Nordeste, como visto, foi a região periférica que apresentou a pior performance econômica tanto em crescimento do Valor Bruto da Produção quanto em valor adicionado *per capita*. Dos 22 setores da região, nove tiveram incrementos de produção ao longo do período analisado. Destacam-se os setores de serviços, com 64,5%; mineração (46,5%), material elétrico (45,2%) e serviços industriais de utilidade pública com 44,9% (Tabela 9).

Tabela 9: Produção induzida na Região Nordeste pelas demandas finais intra, inter e extra regional para os anos de 1985 e 1995 (valores monetários, participação relativa percentual e variação em pontos percentuais)

Setores	1985				1995				85/95			
	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	depen intra	depen inter	depen extra	VBP R\$
1 Agropecuária	12622	72,11	11,58	16,31	12253	75,36	14,33	10,32	3,25	2,74	-5,99	-2,92
2 Mineração	1173	33,98	36,52	29,50	1718	34,98	47,58	17,44	1,00	11,06	-12,06	46,47
3 Minerais não Metálicos	1458	93,37	3,74	2,89	1351	88,64	4,87	6,49	-4,73	1,13	3,60	-7,35
4 Metalurgia	3304	51,44	23,57	24,99	2487	41,66	28,00	30,34	-9,78	4,43	5,35	-24,73
5 Mecânica	810	71,88	18,22	9,90	729	65,84	24,46	9,70	-6,04	6,24	-0,20	-10,00
6 Material Elétrico	850	76,91	19,94	3,15	1233	74,76	21,98	3,26	-2,16	2,04	0,12	45,16
7 Celulose, Papel e Gráf.	881	78,24	11,74	10,02	654	78,00	13,84	8,16	-0,24	2,10	-1,86	-25,69
8 Ind. da Borracha	140	71,21	22,00	6,79	115	68,86	24,75	6,40	-2,35	2,74	-0,39	-17,24
9 Química	11954	44,74	30,79	24,47	12041	40,55	40,77	18,68	-4,18	9,98	-5,79	0,72
10 Material de Transporte	216	44,10	45,23	10,68	268	44,78	48,13	7,09	0,68	2,90	-3,59	24,28
11 Madeira e Mobiliário	687	93,73	4,94	1,33	722	90,29	8,28	1,43	-3,44	3,34	0,10	5,14
12 Plásticos	459	64,79	19,72	15,49	339	61,67	25,15	13,17	-3,12	5,43	-2,32	-26,19
13 Ind. Têxtil	3460	45,62	32,50	21,88	2003	42,40	36,07	21,53	-3,22	3,57	-0,34	-42,12
14 Farmacêutica	378	79,54	18,73	1,73	312	80,16	18,56	1,28	0,62	-0,17	-0,45	-17,48
15 Vestuário e Calçados	1965	87,05	8,07	4,88	1581	80,49	10,32	9,18	-6,56	2,25	4,30	-19,55
16 Prod. Alimentares	8868	60,42	10,06	29,51	7912	67,30	11,29	21,41	6,88	1,22	-8,10	-10,78
17 Indústrias Diversas	104	37,06	41,60	21,34	91	63,75	24,41	11,84	26,69	-17,20	-9,50	-11,94
18 SIUP e Com..	3250	77,72	12,89	9,39	4708	79,23	14,31	6,46	1,51	1,43	-2,94	44,88
19 Construção Civil	21628	99,42	0,42	0,16	23230	99,55	0,39	0,06	0,13	-0,03	-0,10	7,41
20 Comércio	12455	59,65	28,60	11,75	13747	53,03	39,32	7,65	-6,62	10,72	-4,10	10,37
21 Transportes	3405	84,76	9,55	5,68	3322	83,45	12,36	4,19	-1,32	2,81	-1,49	-2,42
22 Serviços	28238	86,20	10,07	3,73	46449	89,91	8,84	1,25	3,71	-1,23	-2,48	64,49
Total	118303	74,93	14,04	11,04	137266	77,48	15,76	6,76	2,56	1,72	-4,28	16,03

Fonte: Dados da pesquisa.

Observando a dependência extra-regional, tem-se uma queda de 4,28 pontos percentuais. Porém, os únicos setores que se destacaram com o comércio extra-regional foram a metalurgia com 5,35 pontos percentuais de aumento na participação da produção,

vestuário e calçados (4,30 pontos percentuais) e minerais não metálicos com 3,60 pontos percentuais de incremento.

Quando analisada a interdependência inter-regional, à exceção dos setores indústrias diversas, construção civil e serviços, os demais setores ampliaram o comércio com as outras regiões brasileiras. Destacam-se o setor de mineração, com 11,06 pontos percentuais de aumento na participação da produção; comércio, com 10,72 pontos; química, com 9,98 pontos percentuais e mecânica com 6,25 pontos percentuais.

A dependência intra-regional, ou seja, a produção destinada ao abastecimento da própria região, em média, teve um acréscimo de 2,56 pontos percentuais no contexto heterogêneo de retração e aumento de produção setorial. Assim, destaca-se, por exemplo, o incremento de 26,69 pontos percentuais da dependência do setor indústrias diversas, seguido do setor produtos alimentares, com 6,88 pontos percentuais.

Sudeste

A região Sudeste, considerada como a que determina o perfil de desenvolvimento da economia brasileira, apresenta, no sentido do comércio, tendência a menor dependência tanto extra como inter-regional, uma vez que diminuiu 5,15 e 0,54 pontos percentuais na participação da produção, e a produção intra-regional conquistou 5,69 pontos percentuais de participação na produção desta região (Tabela 10).

Tabela 10: Produção induzida na Região Sudeste pelas demandas finais intra, inter e extra regional para os anos de 1985 e 1995 (valores monetários, participação relativa percentual e variação em pontos percentuais)

Setores	1985				1995				85/95			
	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	VBP R\$	depen intra	depen inter	depen extra	depen intra	Depen inter	depen extra	VBP R\$
1 Agropecuária	28515	74,75	9,69	15,55	28772	78,87	11,17	9,96	4,12	1,48	-5,60	0,90
2 Mineração	12603	43,16	20,01	36,83	6043	35,97	18,55	45,48	-7,19	-1,47	8,65	-52,05
3 Minerais não Metálicos	8784	52,03	37,84	10,13	10081	54,68	34,75	10,57	2,65	-3,09	0,44	14,76
4 Metalurgia	48664	45,51	24,05	30,44	44263	44,54	25,65	29,81	-0,97	1,61	-0,63	-9,04
5 Mecânica	18846	62,90	19,08	18,02	14788	62,81	20,71	16,47	-0,08	1,63	-1,55	-21,53
6 Material Elétrico	16121	63,40	24,12	12,48	16889	63,56	25,79	10,65	0,16	1,67	-1,83	4,76
7 Celulose, Papel e Gráf.	13170	65,56	18,52	15,92	13759	62,14	18,69	19,16	-3,41	0,17	3,24	4,47
8 Ind. da Borracha	5359	51,46	25,53	23,02	5126	53,67	25,61	20,72	2,21	0,08	-2,30	-4,35
9 Química	53921	57,13	20,40	22,46	43408	60,87	23,49	15,64	3,73	3,09	-6,82	-19,50
10 Material de Transporte	27480	60,28	16,52	23,20	34222	67,52	17,51	14,96	7,25	0,99	-8,24	24,53
11 Madeira e Mobiliário	4828	77,69	14,48	7,82	4487	74,33	15,33	10,34	-3,37	0,85	2,52	-7,07
12 Plásticos	5529	61,11	24,47	14,42	6176	63,53	25,05	11,42	2,42	0,58	-3,00	11,70
13 Ind. Têxtil	15463	62,98	19,65	17,37	9645	60,79	22,39	16,83	-2,20	2,74	-0,54	-37,62
14 Farmacêutica	7575	64,24	31,48	4,28	9088	64,54	31,81	3,65	0,30	0,33	-0,63	19,97
15 Vestuário e Calçados	11736	75,81	11,80	12,39	6589	72,62	12,86	14,53	-3,20	1,06	2,14	-43,86
16 Prod. Alimentares	38117	72,88	8,72	18,41	43160	73,15	11,90	14,95	0,27	3,18	-3,45	13,23
17 Indústrias Diversas	5362	63,95	21,03	15,02	5205	65,78	21,78	12,44	1,83	0,75	-2,58	-2,92
18 SIUP e Com..	14387	77,77	12,08	10,15	20331	81,90	10,98	7,11	4,13	-1,09	-3,03	41,32
19 Construção Civil	23317	87,11	11,74	1,14	27204	90,75	8,65	0,60	3,63	-3,09	-0,54	16,67
20 Comércio	39979	81,14	8,31	10,56	42662	87,21	7,32	5,46	6,07	-0,98	-5,09	6,71
21 Transportes	23157	64,10	8,92	26,98	25177	71,84	8,76	19,39	7,75	-0,16	-7,59	8,72
22 Serviços	139392	79,89	12,91	7,20	223362	85,09	11,69	3,22	5,20	-1,22	-3,98	60,24
Total	562306	68,70	15,71	15,59	640437	74,39	15,16	10,45	5,69	-0,54	-5,15	13,89

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que os setores de mineração, o setor celulose papel e gráfica e o setor madeira e mobiliário, ganharam níveis de competitividade internacional uma vez que avançaram suas exportações extra-regionais em 8,65, 3,24 e 2,52 pontos percentuais, respectivamente. Já, entre os setores que destinaram sua produção para o comércio inter-regional, destacam-se o de produtos alimentares, química e indústria têxtil, com aumentos na participação da produção em 3,18, 3,09 e 2,74 pontos percentuais, respectivamente.

Quanto à produção intra-regional da região Sudeste, destaca-se o setor de transportes, com incremento na participação da produção de 7,75 pontos percentuais, seguido do setor material de transporte, com 7,25 pontos percentuais, e do setor comércio, com 6,07 pontos.

6. REALOCAÇÃO ESPACIAL DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS NAS MACROREGIÕES

A análise da produção induzida pela demanda final intra, inter e extra regional permite ainda verificar a realocação espacial das atividades produtivas da economia brasileira.

Tabela 11: Participação relativa das regiões na produção setorial total induzida pelas demandas finais - 1985 (em percentual)

	Norte	Nordeste	Centro Oeste	Sudeste	Sul	Total
1 Agropecuária	4,7%	17,2%	9,4%	38,9%	29,8%	100,0%
2 Mineração	13,7%	6,4%	3,4%	69,2%	7,2%	100,0%
3 Minerais não Metálicos	2,7%	10,9%	5,4%	65,8%	15,3%	100,0%
4 Metalurgia	0,5%	5,9%	0,5%	86,3%	6,8%	100,0%
5 Mecânica	1,6%	3,3%	0,3%	77,5%	17,3%	100,0%
6 Material Elétrico	14,7%	3,8%	0,5%	72,1%	8,9%	100,0%
9 Celulose, Papel e Gráf.	1,9%	5,0%	0,8%	74,0%	18,3%	100,0%
10 Ind. da Borracha	3,1%	2,2%	0,4%	84,1%	10,2%	100,0%
11 Química	0,3%	15,6%	0,6%	70,2%	13,2%	100,0%
7 Material de Transporte	1,5%	0,7%	0,1%	91,8%	5,8%	100,0%
8 Madeira e Mobiliário	9,7%	6,1%	3,5%	42,8%	37,9%	100,0%
13 Plásticos	1,8%	6,2%	0,3%	75,0%	16,6%	100,0%
14 Ind. Têxtil	1,6%	14,8%	0,8%	66,0%	16,8%	100,0%
12 Farmacêutica	0,4%	4,5%	0,5%	90,4%	4,2%	100,0%
15 Vestuário e Calçados	0,3%	9,4%	0,7%	56,2%	33,4%	100,0%
16 Prod. Alimentares	1,6%	11,9%	4,2%	51,2%	31,1%	100,0%
17 Indústrias Diversas	4,1%	1,6%	0,2%	83,3%	10,8%	100,0%
18 SIUP e Com..	3,9%	13,6%	3,5%	60,3%	18,7%	100,0%
19 Construção Civil	11,2%	33,8%	8,2%	36,5%	10,4%	100,0%
20 Comércio	4,7%	16,8%	5,5%	53,9%	19,2%	100,0%
21 Transportes	2,5%	9,0%	4,9%	61,2%	22,5%	100,0%
22 Serviços	3,3%	12,6%	7,4%	62,1%	14,6%	100,0%
Total	3,8%	12,9%	4,6%	61,4%	17,3%	100,0%

Tabela 12: Participação relativa das regiões na produção setorial total induzida pelas demandas finais - 1995 (em percentual)

	Norte	Nordeste	Centro Oeste	Sudeste	Sul	Total
1 Agropecuária	4,8%	14,7%	14,4%	34,5%	31,5%	100,0%
2 Mineração	12,7%	16,9%	5,7%	59,4%	5,3%	100,0%
3 Minerais não Metálicos	2,2%	9,1%	4,5%	68,1%	16,1%	100,0%
4 Metalurgia	0,7%	4,9%	0,7%	87,3%	6,4%	100,0%
5 Mecânica	2,1%	3,3%	0,4%	67,6%	26,6%	100,0%
6 Material Elétrico	20,9%	4,6%	0,7%	62,6%	11,2%	100,0%
9 Celulose, Papel e Gráf.	3,9%	3,4%	3,0%	71,9%	17,8%	100,0%
10 Ind. da Borracha	8,1%	1,8%	1,1%	79,7%	9,2%	100,0%
11 Química	2,2%	18,5%	4,0%	66,7%	8,7%	100,0%
7 Material de Transporte	1,2%	0,7%	0,1%	92,5%	5,4%	100,0%
8 Madeira e Mobiliário	8,2%	6,1%	3,6%	37,8%	44,3%	100,0%
13 Plásticos	0,2%	4,3%	0,0%	79,1%	16,2%	100,0%
14 Ind. Têxtil	5,1%	12,0%	2,6%	57,6%	22,7%	100,0%
12 Farmacêutica	0,2%	3,2%	0,1%	92,7%	3,9%	100,0%
15 Vestuário e Calçados	0,8%	11,1%	2,2%	46,1%	39,8%	100,0%
16 Prod. Alimentares	2,1%	9,1%	5,7%	49,9%	33,1%	100,0%
17 Indústrias Diversas	8,0%	1,4%	0,4%	78,5%	11,7%	100,0%
18 SIUP e Com..	4,8%	12,3%	4,6%	52,9%	25,3%	100,0%
19 Construção Civil	9,0%	25,4%	14,9%	29,8%	21,0%	100,0%
20 Comércio	4,1%	16,7%	6,1%	52,0%	21,1%	100,0%
21 Transportes	1,7%	8,3%	4,5%	62,8%	22,7%	100,0%
22 Serviços	3,6%	12,5%	10,4%	60,0%	13,4%	100,0%
Total	4,2%	12,3%	7,6%	57,5%	18,3%	100,0%

As tabelas 11 e 12 apresentam a participação regional nos setores produtivos para os anos de 1985 e 1995 respectivamente. A tabela 13 indica a variação na participação entre os anos 1985 e 1995. Em geral observa-se um nível de crescimento do valor da

produção das macrorregiões no período em análise (Anexo 5). Entretanto em função das taxas de crescimento diferenciadas que apresentam as regiões, a participação relativa ou contribuição das regiões no valor da produção brasileira tornam-se diferenciados.

Nesse contexto, verifica-se em termos agregados a partir da tabela 13 que a região Sudeste teve um decréscimo de 3,9 pontos percentuais seguido pela região nordeste com queda de 0,6 pontos percentuais. Ditas perdas na participação relativa foram transferidas, ou constitui-se ganhos, na região Centro Oeste com ganho de 3,00 pontos percentuais, seguidos pela região sul – com ganho de 1,00 ponto percentual, e a região Norte com 0,5 ponto percentual.

Em nível setorial a realocação de atividades produtivas apresenta-se significativas. Por exemplo, a agropecuária foi transferida significativamente para a região Centro-Oeste, que ganhou 5 pontos percentuais na participação do valor da produção no período em análise. Quando analisado a indústria de mineração a grande beneficiária pelas transferências destas atividades constitui-se a região Nordeste com aumento de 10,4 pontos percentuais. Já no que se refere as indústrias de bens de produção e bens de consumo duráveis e não duráveis, entre as regiões que mais se beneficiaram foram a do Centro-Oeste e em alguns casos as regiões Sul e Nordeste. Por outro lado quando analisado a indústria da construção civil os ganhos que apresenta a região Sul e a região Sudeste encontra-se entre os mais elevados uma vez que variaram positivamente em 10,6 e 6,7 pontos percentuais respectivamente.

Tabela 13: Variação das regiões na participação relativa da produção setorial total induzida pelas demandas finais entre os anos de 1985 e 1995 (em pontos percentuais)

	Norte	Nordeste	Centro Oeste	Sudeste	Sul	Total
1 Agropecuária	0,2%	-2,5%	5,0%	-4,4%	1,7%	0,0%
2 Mineração	-1,0%	10,4%	2,3%	-9,9%	-1,9%	0,0%
3 Minerais não Metálicos	-0,4%	-1,8%	-0,9%	2,3%	0,8%	0,0%
4 Metalurgia	0,2%	-1,0%	0,2%	1,0%	-0,4%	0,0%
5 Mecânica	0,5%	0,0%	0,1%	-9,9%	9,3%	0,0%
6 Material Elétrico	6,2%	0,8%	0,2%	-9,5%	2,3%	0,0%
9 Celulose, Papel e Gráf.	2,0%	-1,5%	2,1%	-2,1%	-0,5%	0,0%
10 Ind. da Borracha	5,0%	-0,4%	0,7%	-4,4%	-1,0%	0,0%
11 Química	1,8%	2,9%	3,3%	-3,6%	-4,5%	0,0%
7 Material de Transporte	-0,3%	0,0%	0,0%	0,7%	-0,3%	0,0%
8 Madeira e Mobiliário	-1,5%	0,0%	0,1%	-5,0%	6,4%	0,0%
13 Plásticos	-1,5%	-1,9%	-0,3%	4,1%	-0,4%	0,0%
14 Ind. Têxtil	3,5%	-2,8%	1,8%	-8,4%	5,9%	0,0%
12 Farmacêutica	-0,3%	-1,3%	-0,5%	2,3%	-0,3%	0,0%
15 Vestuário e Calçados	0,5%	1,7%	1,5%	-10,1%	6,4%	0,0%
16 Prod. Alimentares	0,5%	-2,8%	1,5%	-1,3%	2,0%	0,0%
17 Indústrias Diversas	3,9%	-0,2%	0,2%	-4,8%	0,9%	0,0%
18 SIUP e Com..	1,0%	-1,4%	1,1%	-7,3%	6,6%	0,0%
19 Construção Civil	-2,2%	-8,4%	6,7%	-6,7%	10,6%	0,0%
20 Comércio	-0,6%	0,0%	0,6%	-1,9%	1,9%	0,0%
21 Transportes	-0,8%	-0,7%	-0,3%	1,7%	0,2%	0,0%
22 Serviços	0,4%	-0,1%	3,0%	-2,1%	-1,2%	0,0%
Total	0,5%	-0,6%	3,0%	-3,9%	1,0%	0,0%

Em síntese, verifica-se que existe, no período de análise, um processo significativo de realocação das atividades produtivas entre as regiões. Certamente, análises mais detalhadas que impliquem um nível de desagregação maior dos setores produtivos indicarão que o conjunto de realocações tem a ver com vantagens comparativas existentes

bem como com níveis de competitividade que o macroambiente impõe aos diversos setores produtivos do país.

7 CONCLUSÕES

O artigo teve como objetivo caracterizar o perfil das relações intra, inter e extra-regionais das macrorregiões do país nos anos de 1985, 1990 e 1995. Verificou-se que a dimensão econômica das macrorregiões brasileiras é heterogênea, indicando níveis de concentração elevados, bem como taxas de crescimento diferenciadas em virtude das diferenças de dotações de recursos iniciais. Nesse contexto, no período de análise, que caracteriza o tempo *ex-ante* e *ex-post* da abertura econômica brasileira, verificaram-se mudanças estruturais significativas nas macrorregiões, marcadas, fundamentalmente, por um recuo da produção agrícola (mas com recuperação em algumas regiões) na participação da produção regional e um incremento significativo do setor de serviços.

Uma análise ainda mais particularizada das dependências setoriais para as macrorregiões destaca a região Sul como a de maior abertura econômica (inter e extra-regional). Por sua vez, a região Centro-Oeste apresenta-se com níveis de crescimento elevado na dependência intra-regional, explicada, fundamentalmente, por um incremento significativo da renda per capita no período. A região Sudeste, considerada o motor do crescimento nacional, foi a que apresentou a menor taxa de crescimento da produção, embora se deva ressaltar que apresenta uma matriz produtiva diversificada e possui uma dotação de recursos iniciais elevadas. A região Norte destaca-se pela atração de movimentos migratórios populacionais, revelando o potencial de ocupação da última fronteira territorial, que permitirá, num futuro próximo, níveis de crescimento elevados. Finalmente, a região Nordeste foi a região periférica que obteve a menor taxa de crescimento anual da produção, embora ainda superior à da região Sudeste.

A associação do conjunto de informações analisadas mostra claramente um processo de desconcentração da produção regional, associado a uma realocação significativa da produção setorial, uma vez que todas as macrorregiões periféricas (NE, N, CO e S) brasileiras obtiveram um crescimento da produção superior ao da região Sudeste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÊRNI, Duilio de Ávila. Descrição e Previsão da Mudança Estrutural no Brasil entre 1959 e o Ano 2000: insumo-produto, Método Delphi e Método RAS. In: Relações Intersetoriais do Mercosul e da Economia Brasileira: Uma abordagem de equilíbrio geral do tipo insumo-produto. Marco Antonio Montoya (Org.). Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FINAMORE, Eduardo. Belisário. 166 p. Tese (doutorado). Universidade Federal de Viçosa. O crescimento setorial da economia brasileira no período 1985/96: uma análise de insumo-produto. Viçosa. 2001.
- MONTOKYA, Marco Antonio. 217 p. Tese (doutorado) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo. A matriz insumo-produto internacional do Mercosul em 1990: a desigualdade regional e o impacto intersetorial do comércio inter-regional. 1998.
- PARRE, José L. 191 p. Tese (doutorado) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo. O agronegócio nas macrorregiões brasileiras: 1985 a 1995. Piracicaba. 2000.

ANEXO 1 – CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS OITO SETORES, AS 29 INDÚSTRIAS E OS 58 RAMOS INDUSTRIAIS DA AGREGAÇÃO E DESAGREGAÇÃO DAS MATRIZES DE INSUMO-PRODUTO DE 1985, 1990 E 1995.

A. Setor agrícola (Agric)

1. agricultura: agropecuária e extrativo vegetal

B. Setor da Indústria extrativo mineral (ExtrMi)

2. Extrativo mineral: mineração
3. Extração de óleo e gás: extração de combustíveis minerais

C. Indústria de Transformação: bens de produção (BensPr)

4. Cimento
5. Produtos de vidro: outros minerais não metálicos
6. Mecânica: máquinas e equipamentos em geral
7. Indústria de aço: siderurgia; metalurgia de não ferrosos; outros produtos metálicos
9. Material elétrico e de telecomunicação: material elétrico; equipamentos para produção e distribuição de energia; equipamentos eletrônicos e de comunicação
11. Madeira: indústria da madeira
13. Papel e papelão: papel e papelão; celulose
14. Borracha: indústria da borracha
15. Couro: couros e peles
16. Química: refinarias e petroquímicas básicas; elementos químicos inorgânicos; resinas e fibras artificiais; álcool; beneficiamento de outros produtos vegetais; óleos vegetais brutos; produtos químicos diversos

D. Indústria de transformação: bens de consumo duráveis (ConsDu)

8. Máquinas domésticas e de escritório: eletrodomésticos e material de escritório
10. Material de transporte: veículos automotores; autopeças e motores para veículos; tratores e máquinas rodoviárias; material ferroviário e outros veículos; indústria naval
12. Mobiliário: mobiliário
19. Produtos de matéria plástica: plásticos
20. Têxteis: fiação e tecelagem de fibras naturais; fiação e tecelagem de fibras artificiais; outras indústrias têxteis

E. Indústria de transformação: bens de consumo não-duráveis (CNDur)

17. Produtos farmacêuticos e veterinários: indústria farmacêutica
18. Perfume, sabões e velas: perfumaria, sabões e velas
21. Vestuário e artefatos de tecido: vestuário
22. Calçados: calçados
23. Produtos alimentares: beneficiamento de arroz; moagem de trigo; refino de óleos vegetais; beneficiamento e torrefação de café; açúcar; abate e preparação da carne (exceto aves); abate e preparação de aves; laticínios; outras indústrias alimentícias
24. Bebidas: indústria de bebidas
25. Fumo: fumo
26. Outras indústrias: editorial e gráfica; produtos diversos

F. Serviços industriais de utilidade pública (Siup)

27. Serviços industriais de utilidade pública: serviços de utilidade pública

G. Setor Construção

28. Construção: construção civil

H. Setor Serviços

29. Serviços: Comércio, transportes e distribuição; serviços; *dummy* peças e acessórios